



### EDITAL 06/2024 – Listas de Simpósios Temáticos e Minicursos Aprovados

A comissão organizadora do IV *Seminário Mulheres na História, na Literatura e nas Artes: entre práticas e representações*, que será realizado entre os dias 20/05/2024 e 24/05/2024 no formato *online* (remoto) durante o período vespertino (minicursos) e noturno (STs), publica as listas de Simpósios Temáticos e Minicursos aprovados pela Comissão Organizadora.

#### Simpósios Temáticos

Anayara Fantinel Pedroso, Nayara Augusto Felizardo, Felipe de Araújo Chersoni	UFRGS, UEM, PUC-RS	CAPES	MULHERIDADES, GÊNERO E VIOLÊNCIA ESTATAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS
Maria Clara Martins Cavalcanti e Marilene Rodrigues Quintino	UERJ / PUC-SP	MARIA CLARA - FAPERJ / MARILENE - CNPQ	Mulheres às margens, mulheres periféricas, mulheres racializadas: produções literárias e artísticas como propostas de mundo
Bruna Santiago Franchini; Monique Rodrigues Lopes; Bárbara Madruga da Cunha	PPGD/UFSC	não há	As Mulheres na História do Direito Brasileira
Olaisyllenne dos Santos Gonçalo ; Isadora Assunção Sousa Chaves	UFPB	CAPES	Mulheres e a palavra escrita: Liberdade através da expressão literária - Pelo olhar dos estudos de gênero e da história das mulheres
Isabela de Albuquerque Rosado do Nascimento e Roberta Bentes Surkamp	UPE; UFPR	CAPES PROEX - Roberta	Mulheres medievais sob os holofotes: as diferentes frentes de atuação feminina (século V- XV)
Clarissa Mattana de Oliveira e Andréa Reis Ferreira Torres	UFRJ	Não há	Mulheres e suas representações em Sociedades Pré-Modernas
Daiane da Silva Vicente; Fernanda de Araújo Oliveira	UFAL; UFRPE	CAPES; CAPES	“E eu não sou uma mulher?": trajetórias e representatividade de mulheres plurais (XIX- Atualidade)



## Minicursos

Sabrina Natali Silva Bentes	UFPA	CAPES	Minicurso	"Hacking Venus": a decolonial perspective of use of documentary sources for the writing of women's history.
Amanda de Queirós Cruz, Larissa Cristhina Giron Ferreira Vianna e Nathali Hipólito Silva	UFF	CAPES	Minicurso	History of Women in the Modern Era: challenges and new approaches.
Joyce Luciane Correia Muzi	UFPR/IFPR	não se aplica	Minicurso	NEM SÓ DA FALTA DO PÃO VIVE ELA: AS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

### 1. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

- 1.1 Cada minicurso e simpósio temático foi avaliado pelos critérios apresentados anteriormente em edital;
- 1.2 Foi utilizado como critério de seleção entre propostas de simpósios semelhantes, a possibilidade de maior abrangência de textos e pesquisas.
- 1.3 Nas páginas abaixo (pp. 3-13) são apresentadas as ementas de cada Simpósio Temático e Minicurso.

### 2. CASOS OMISSOS

- 2.1 Casos omissos serão resolvidos pela comissão organizadora.

Curitiba, 01 de Abril de 2023.

Comissão Organizadora

*IV Seminário Mulheres na História, na Literatura e nas Artes:  
entre práticas e representações*

Universidade Federal do Paraná



## SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

### MULHERIDADES, GÊNERO E VIOLÊNCIA ESTATAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS

Ementa: A população negra, na transição do trabalho escravizado para o trabalho livre, passou a concorrer diretamente com a imigrante, perdendo espaço no acesso ao mercado de trabalho, agora livre (MOURA, 2021, p. 37-46). A população negra é, assim, empurrada para margem do sistema, não só do ponto de vista econômico, como de gênero. As mulheres estão à mercê desse processo, sofrendo a opressão do patriarcado e do Estado. Assim, a presente proposta de simpósio temático busca abranger os estudos voltados para a violência estatal a partir de uma perspectiva de gênero, atravessada pelas intersecções de classe e raça. Para isso, interessamos comunicações que se relacionem com as questões históricas e contemporâneas envolvendo as violências de gênero perpetradas pelo Estado, de modo a abranger as maternidades – para refletirmos sobre justiça reprodutiva e reprodução social –, o sistema carcerário, as atuações institucionais envolvendo a polícia e o judiciário, o sistema político, o acesso aos direitos e garantias fundamentais, a feminização da pobreza, a criminalização das drogas, da pobreza, dos movimentos sociais, de coletivos de mães e mulheres e da arte, no intuito de se refletir sobre estratégias políticas e antiracistas para a busca e garantia de lugar de fala e direitos humanos. Palavras-Chave: Mulheres; Gênero; Violência Estatal; Classe; Raça.

#### Referências:

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARAÚJO PESSOA, Sara de; ARAÚJO CHERSONI, Felipe de; LIMA, Fernanda Da Silva. “Verás que tudo é mentira”: os Movimentos Populares antiprisionais contra o Genocídio Racista Estatal a Partir Da Luta Das Mães de Maio. *Germinal: Marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 14, ed. 2, p. 318-344, 2022.
- ARAÚJO CHERSONI, Felipe de. O punitivismo estrutural brasileiro frente às mulheres privadas de liberdade. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL): (Anais do II Congresso Internacional Punição e Controle Social: prisões, controle e dano social na América Latina)*, Pelotas, v. 7, ed. 1, 2021.
- GAZZAROLLI, Márcia. O direito à vida da população negra e periférica. Podcast: *Cena rápida* número 15, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4lhvL41HRnnuiH7TIFkzbG?si=5e33578876114e42>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- FELIZARDO, Nayara Augusto. A influência do Feminismo Matricêntrico no Brasil: Um debate contra a violência de gênero na História do Tempo Presente. In: MARQUEZ, Maria Inez. CAMPOI, Isabela Candeloro. SILVA, Thais Gaspar. (Org). *Interfaces da Opressão Patriarcal: do debate acadêmico às práticas sociais*. Editora Appris. Curitiba. 2022.
- INFOPEN MULHERES. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2018.



## MULHERES ÀS MARGENS, MULHERES PERIFÉRICAS, MULHERES RACIALIZADAS: PRODUÇÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS COMO PROPOSTAS DE MUNDO

“Escrever é um ato de vida”, afirmou a escritora e coordenadora do Grupo Quilombhoje Literatura, Esmeralda Ribeiro, em entrevista concedida em 2017. A produção literária, artística e inventiva das mulheres - em diferentes espaços, contextos e épocas - construíram espaços de resistência, expressão política, reinvenção e cuidado de si, diante e em oposição às armadilhas da colonialidade, do patriarcado, do racismo, do sexismo, da lgbtqia+fobia, etc. Escrever, pintar, recitar, produzir arte, cantar, conversar, estar em grupo, de forma criativa, são, como bem nos lembra Esmeralda Ribeiro, atos de vida. Isso porque se constituem como espaços de produções de saberes e desobediência, especialmente importantes para mulheres consideradas à margem, mulheres periféricas, racializadas e afins. É nesse sentido que este Simpósio Temático espera refletir a partir dos saberes das mulheres periféricas, entendendo suas muitas formas de desobediência ao sistema moderno colonial de gênero como propostas políticas. Dessa forma, este ST tem por objetivo receber trabalhos que versem sobre produções literárias e manifestações artísticas - em toda sua amplitude de possibilidades, formatos, espaços de criação e perspectivas - de protagonistas não conformados a quaisquer ordens e hierarquias. São bem-vindos trabalhos que realizam leituras e análises destas manifestações, pensando-os de forma integrada, interessadas em seus desdobramentos quanto à raça, classe, gênero, sexualidade, etc

Palavras-chave: Literatura; Arte; Feminismos; Periferias; Feminismos Periféricos.

MOHANTY, Chandra Talpade. “Bajo los ojos de Occidente: feminismos académicos y discursos coloniales”. In: NAVAZ, Liliana; CASTILLO, Rosalva (Eds.). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*, 2008 (1984). Disponível em:

<http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/varios/descolonizando.pdf>

» <http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/varios/descolonizando.pdf>

NAVAZ, Liliana Suárez; CASTILLO, Rosalva Aída Hernández (Eds.). *Descolonizando el feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*, 2008 (1984). Disponível em:

<http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/varios/descolonizando.pdf>

» <http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/varios/descolonizando.pdf>

PROSDOCIMIDE, Patricia Elisa Rivera. *Feminismo de base comunitária: iniciativas que discutem questões de gênero na Maré (RJ)*. 2017. 286 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVESTRE, Helena. *Notas sobre a fome*. São Paulo: Expressão Popular, 1º Ed. 2021



## AS MULHERES NA HISTÓRIA DO DIREITO BRASILEIRA

Ementa: Os estudos de mulheres e feministas, especialmente nos últimos 60 anos, têm demonstrado não só as diversas formas como a supremacia masculina tem sido mantida com auxílio do Direito, mas também as estratégias subversivas das mulheres frente aos obstáculos jurídicos. Pesquisadoras como Leila Algranti (1993), June Hahner (2003), Joana Pedro (2004), Luma Prado (2019) e Teresa Marques (2019) são algumas das tantas que buscaram romper com o silenciamento das diferentes formas de resistência estabelecidas pelas mulheres brasileiras, em sua diversidade, nas relações com o Estado e/ou o Direito (colonial, imperial ou republicano).. Apesar de as mulheres ainda serem frequentemente retratadas apenas enquanto objeto de intervenção e controle estatal — enquanto mães, esposas, filhas, escravizadas, trabalhadoras — elas também foram, e têm sido, protagonistas de processos histórico-jurídicos de mudança, inovação e resistência, ainda que frequentemente às margens e sob forte repressão. Neste Simpósio Temático, convidamos a apresentação de trabalhos que explorem uma ou mais dessas várias formas de presença das diversas mulheres na História do Direito do Brasil a partir de fontes primárias de qualquer natureza (processos, leis, doutrina, imprensa, literatura, arte, etc.), de modo a construirmos um panorama complexo e multifacetado dos processos histórico-jurídicos envolvendo as mulheres no território brasileiro. O objetivo é reunir pesquisas que busquem evidenciar estratégias de resistência e de reivindicação femininas frente ao direito, não só em espaços propriamente jurídicos (como no Judiciário, no Legislativo, no Executivo e na literatura jurídica), mas também nas expressões da vida social carregadas de juridicidade (movimentos e mobilizações sociais, manifestações artísticas e literárias, entre outras), de modo a promover um debate enriquecedor sobre o tema.

Palavras-chave: História; Direito; Mulheres; Feminismo; Brasil

### Referências

Algranti, Leila Mezan. Honradas e devotas: mulheres da Colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro : José Olympio, Brasília : Edunb, 1993.

Hahner, June. Emancipação do sexo feminino — a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850-1940). Florianópolis : Mulheres, 2003

Marques, Teresa Cristina de Novaes. O voto feminino no Brasil. 2. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

Pedro, Joana Maria. (Org.). Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XIX.. 01ed.Florianópolis: Cidade Futura, 2003, v. 01

Prado, Luma Ribeiro. Cativos litigantes: demandas indígenas por liberdade na Amazônia portuguesa, 1706-1759. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.



## MULHERES E A PALAVRA ESCRITA: LIBERDADE ATRAVÉS DA EXPRESSÃO LITERÁRIA - PELO OLHAR DOS ESTUDOS DE GÊNERO E DA HISTÓRIA DAS MULHERES

A proposta desse simpósio temático é reunir pesquisas em torno da intersecção entre os estudos de gênero, história das mulheres e literatura, oferecendo um espaço para reflexões e análises sobre a participação feminina no cenário literário. Dessa forma, partimos de uma perspectiva que busca identificar e investigar as diversas formas femininas de participarem do processo da escrita, não apenas como uma forma de expressão intelectual e cultural, mas também como um meio para expressar suas identidades individuais. Buscando compreender para além da presença das mulheres como autoras, mas também sua influência como leitoras, críticas, editoras e personagens literárias. O simpósio temático aliado a concepção do gênero como categoria analítica, permite o reconhecimento da participação dessas mulheres no âmbito literário e nos possibilita a atentar para as dificuldades enfrentadas pelas mesmas, diante das normas sociais que impõem papéis de gêneros restritivos e as possibilidades de contornarem esses obstáculos: o silenciamento, a falta de reconhecimento, seja recorrendo ao uso de pseudônimos masculinos ou com o enfrentamento direto, criando verdadeiras redes de apoio e solidariedade entre si, compartilhando experiências e estratégias. À vista disso, convidamos pesquisadoras e pesquisadores a compartilharem suas pesquisas neste simpósio, promovendo um diálogo interdisciplinar e enriquecedor sobre a presença feminina no campo literário.

Palavras-chave: Mulheres. Escrita. Literatura. Gênero. Silenciamento

### REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*. São Paulo: UNICAMP, 2013.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- XAVIER, Elódia. *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*. *Revista Mulheres e Literatura*, Rio de Janeiro, ano 3, vol.1, 1999. Disponível em: <<<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6825/5409>>> Acesso em: março, 2024.



## MULHERES MEDIEVAIS SOB OS HOLOFOTES: AS DIFERENTES FRENTE DE ATUAÇÃO FEMININA (SÉCULO V-XV)

No estudo da história das sociedades humanas no geral e no período medieval em particular, quase sempre quando abordamos um indivíduo sem denominá-lo a priori, tendemos a pressupor que ele era homem, salvo quando tal sujeito é identificado como mulher: a camponesa, a operária, a mulher no mercado de trabalho. Isso representa um recorte dentro de uma identificação mais abrangente, como se ela não fizesse parte deste.

O protagonismo masculino do período medieval confunde-se muitas vezes com a própria noção de uma história universal, levando-nos a pensar as mulheres do recorte temporal em questão ou a partir das representações que as fontes - em sua maioria escritas por homens - fazem delas ou que as que aparecem nas narrativas oficiais ocorrem em função de algum tipo de excepcionalidade (beleza, virtudes, heroísmo ou o contrário, intervenções nocivas e atitudes tenebrosas, vidas escandalosas), reforçando a ideia de que a excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio.

No entanto, é mais do que evidente o número expressivo de mulheres laicas e religiosas que no período medieval desempenharam atividades diversas, o que nos leva ao questionamento de que talvez elas tenham sido muito mais regra que exceção. Isso não significa negar o predomínio do pensamento masculino e religioso na construção intelectual da época, porém, as mulheres no período medieval também gozaram de oportunidades e direitos e realizaram importantes atividades em diversas áreas da sociedade (DABAT, 2002, p. 27).

Este simpósio temático visa contribuir e oportunizar os debates a respeito de protagonismos femininos no período medieval, enfocando, mas não apenas restrito às artes, às letras, à política e à administração, discutindo as mulheres para além das representações feitas a respeito delas, mas de que forma circularam, negociaram, criaram, argumentaram e pensaram.

Palavras-chave: Medievalo, agências femininas, narrativas sobre mulheres

### Fontes e/ou referências

- BROCHADO, Cláudia Costa; DEPLAGNE, Luciana Calado (org.). Vozes de mulheres na Idade Média. João Pessoa: Editora Ufpb, 2018.
- BULLOUGH, Vern; BRUNDAGE, James (Ed.). Handbook of Medieval Sexuality. New York: Routledge, 2010.
- DABAT, Christine. "Mas, onde estão as neves de outrora?" Notas bibliográficas sobre a condição das mulheres no tempo das catedrais. Cadernos de História. UFPE, v. 1, n. 1, p. 21- 57, 2002.
- FELL, Christine E. Women in Anglo-Saxon England. Cowley: Basil Blackwell, 1987.
- FRADENBURG, Louise; FRECCERO, Carla. Premodern Sexualities. New York and London: Routledge, 2009.
- PERROT, Michelle. "Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência". In: cadernos pagu (4) 1995: pp. 9-28.
- SCHAUS, Margaret. Women and Gender in Medieval Europe. New York & London: Routledge, 2006.



#### MULHERES E SUAS REPRESENTAÇÕES EM SOCIEDADES PRÉ-MODERNAS

Com o desenvolvimento dos estudos feministas, subalternos e de gênero, houve uma ampliação dos objetos de pesquisa histórica, e também o surgimento de novos problemas teórico-metodológicos. Em particular, foi colocado em questão o quanto as fontes que temos disponíveis podem nos dizer sobre as mulheres. Historicamente, pesquisadores e pesquisadoras têm à sua disposição mais textos escritos por homens em certas posições sociais, limitando o conhecimento sobre as mulheres do passado às visões desses enunciadores. Embora o próprio desenvolvimento da área tenha levado a um incremento na disponibilidade de manuscritos produzidos por mulheres, até então não descobertos ou estudados, para sociedades pré-modernas ainda são escassos os textos escritos por mulheres. Com isso, vem sendo realizado um esforço de ampliação da documentação, do diálogo com outras disciplinas, como a arqueologia, e da utilização de novos métodos e abordagens teóricas.

Este simpósio temático objetiva reunir trabalhos sobre as mulheres em sociedades pré-modernas e suas representações, ampliando o recorte espacial para além do continente europeu e o temporal para além da Antiguidade e do Medievo, incluindo visões contemporâneas sobre as mulheres do passado. O simpósio terá por objetivo também conhecer os diferentes tipos de fontes, metodologias e aportes teóricos aplicados atualmente na História das Mulheres. Buscamos, assim, agregar diferentes estudos sobre mulheres no mundo pré-moderno e debater sobre suas representações, realidades históricas e os nossos limites como historiadoras frente à documentação.

Palavras-chave: Gênero; História das Mulheres; Medievo; Antiguidade; Historiografia

#### Referências

- BENNET, J.; KARRAS, R. (eds.). *The Oxford Handbook of Women and Gender in Medieval Europe*. Oxford: OUP, 2013.
- COX, E.; MCAVOY, L. H.; MAGNANI, R. (ed.). *Reconsidering Gender, Time and Memory in Medieval Culture*. Boydell & Brewer Ltd, 2015.
- JAMES, S.; DILLON, S. (eds.). *A Companion to Women in the Ancient World*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- LAQUEUR, T. *Inventando o Sexo. Corpo e Gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica? *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SILVA, S. C.; BRUNHARA, R.; NETO, I. V. (orgs). *Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: A presença das mulheres na Literatura e na História*. Goiânia: Tempestiva, 2021.v. 1.



## “E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: TRAJETÓRIAS E REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES PLURAIS (XIX- ATUALIDADE)

O presente ST parte da indagação “E eu não sou uma mulher?” feita pela afro-abolicionista norte-americana Sojourner Truth em 1851, na Convenção dos direitos das Mulheres de Ohio, em Akron. Truth é apontada pelo pensamento feminista negro como a pioneira em articular raça, classe e gênero, e conseqüentemente, a trazer uma crítica a categoria mulher universal. Isto posto, nesse ST pretendemos fazer um diálogo com estudos que perpassam pelo campo da história das mulheres e relações de gênero, caminhando por um viés interseccional. A categoria mulher aqui é entendida como um conceito utilizado por pessoas que se identificam com o seu uso, independentemente do sexo biológico. Temos a intenção de acolher pesquisas voltadas para uma discussão que evidencie a atuação de mulheres plurais, estejam elas localizadas a partir do século XIX até a nosso momento atual e pertencentes América Latina nomeada pela Lélia Gonzalez (2020) como a formação política, cultural e histórica na qual foi baseada na experiência negra de resistência em toda a territorialidade da América (norte, sul e central). Deste modo, pretende-se evidenciar o protagonismo dessas mulheres: nas artes, na política, em comunidades negras, comunidades indígenas, nas ciências, na literatura e na educação. Destacando o percurso percorrido por estas mulheres que ousaram sair da zona de conforto e conquistar os espaços considerados - pela ideologia patriarcal - inapropriados para elas.

Palavras-chave: Feminismos; Gênero; Mulheres Plurais; Trajetórias; Representatividade.

### Referências

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Pólen: São Paulo, 2019.
- BIROLI, Flávia. Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro Latino Americano. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. (Org). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS. Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2023.
- KAYAPÓ, Aline Ngrenhtabare Lopes et al. As filhas da ventania. Leetra Indígena, v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.leetraindigena.ufscar.br/index.php/leetraindigena/article/view/50> Acesso: 05 maio 2023.
- NASCIMENTO, Leticia. Transfeminismo. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. Revista Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.
- RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. São Paulo: UNICAMP, 2013.
- RIBEIRO, Djamilia. Lugar de Fala. São Paulo: Pólen, 2019.
- ROCHEDO, Aline. Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 134-150. 2019.



## MINICURSOS

### "HACKEANDO A VÊNUS": UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL DE UTILIZAÇÃO DE FONTES DOCUMENTAIS PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DAS MULHERES.

Essa proposta de minicurso busca apresentar uma reflexão sensível sobre as histórias realizadas a partir dos arquivos, através das palavras arrebatadoras de duas autoras convergentes dos Estudos Negros Radicais Saidyia Hartman e Denise Ferreira da Silva. Reflexão atrelada ao limite do arquivo, ao seu uso, a sua constituição enquanto um elemento de reprodução de cenas de sujeição, e por último como utilizá-lo como um produto de recusa a reprodução dessas cenas de sujeição, hackeá-lo, a fim de conseguir realizar o impossível: fabular sobre a vida. De outra maneira, buscar-se, apresentar e refletir como essas leituras de mundo sobre o uso de arquivos para narrar histórias são essenciais para construir uma práxis e uma teoria sobre as histórias das mulheres. Esta proposta também se concerne como uma “invocação” no sentido material e imaterial das coisas e mais uma vez iluminada pelas teóricas citadas, além de outras provenientes da teoria decolonial, como Rita Segato e María Lugones, indo atrás do objetivo “impossível”: ouvir aquelas encontradas nos escaninhos e entrelinhas dos arquivos e tentar hackear o Sujeito que lhes relegou o silêncio seja de suas histórias ou da manutenção dos próprios arquivos, afim de “desfigurá-la e liberá-la para realizar o que sozinha pode performar” (Silva, 2018:254) mesmo que sejam “necessários séculos para que lhe fosse permitido “provar sua língua.” (Hartman, 2020: 14).

Palavras-chaves: história das mulheres; decolonialidade; fontes documentais; arquivo.

#### Referências:

Hartman, Saidyia. Vênus em dois atos. Dossiê: Crise, Feminismo e Comunicação – v. 23, n. 3, 2020, <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

Segato, Rita. Crítica da colonialidade em oito ensaios - e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo, 2021.

Silva, Denise Ferreira da. Hackeando o Sujeito: feminismo negro e recusa além dos limites da crítica. In: Pensamento Negro Radical, N-1 Edições, 2021.

Lugones, Maria. Colonialidade e Gênero. Tábula Rasa. Bogotá-Colômbia, nº 9: 73-101, julho-dezembro, 2008.



## HISTÓRIA DAS MULHERES NA ERA MODERNA: DESAFIOS E NOVAS ABORDAGENS.

Desde sua ascensão da década de 1960, o campo de estudos de História das Mulheres tem recebido contribuições de diversas pesquisadoras e pesquisadores que, com um olhar crítico, têm ouvido as vozes de agentes históricas, que por tanto tempo permaneceram às margens da historiografia (SMITH, 2013). No que tange a Era Moderna, a abordagem de gênero aponta para inúmeras discussões necessárias, uma vez que se trata de um período onde mudanças que moldaram o Ocidente estavam em curso. Onde estavam as mulheres nesse evento? Como interferiram nesses processos ao mesmo tempo em que lidavam com interferências externas em si mesmas também?

A proposta deste minicurso é contribuir na construção de respostas para essas questões, ao passo que também abordará as dificuldades no campo de pesquisa, possibilidades metodológicas, além do acesso às fontes e sua mobilização em novas discussões. Espera-se, dessa forma, conduzir as discussões considerando os tópicos a seguir:

A) Gênero: uma categoria de análise histórica.

- O que é história das mulheres? Por que estudá-la?
- História das mulheres x História de gênero: quais são as diferenças?

B) Gênero na história moderna

- Fontes de pesquisa: vozes em primeira e em terceira pessoa.
- O silenciamento e o resgate de vozes femininas na Era Moderna: como o silenciamento pode também nos informar?
- Educação e relações familiares; casamentos, maternidade, educação, política e escrita feminina: esgotamento de discussões ou há abordagens ainda inexploradas?

C) Tratamento das fontes.

- As múltiplas possibilidades: fontes textuais, iconográficas etc, documentações de foro público e privado. Fontes diretas ou indiretas.
- Exemplo prático de abordagem das fontes por meio das pesquisas das proponentes.

Palavras- Chave: Estudos de gênero; História das mulheres; História moderna

### Referências:

- ALGRANTI, Leila Mezan. Honradas e Devotas: mulheres da colônia (estudo sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste - 1750-1822). 1992. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BADINTER, Elisabeth. Émilie, Émilie ou L'Ambition Féminine au XVIIIe Siècle. Paris : Le Livre de Poche, 2015
- DAVIS, Natalie Zemon & FARGE, Arlette (dir.) História das Mulheres no Ocidente. Volume 3: Do Renascimento à Idade Moderna. Lisboa: Edições Afrontamento, 1994.
- EVAIN, Aurore; GETHNER, Perry & GOLDWYN, Henriette (ed.). Théâtre de femmes de l'Ancien Régime: Tomes III et IV, XVIIe-XVIIIe siècle. Paris: Classiques Garnier, 2015.
- FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e cumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.



- PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da História. Bauru: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Editora Contexto, 2017
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SMITH, Bonnie G. Women's Studies: The Basics. Londres: Routledge, 2013.



## NEM SÓ DA FALTA DO PÃO VIVE ELA: AS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

A mineira Carolina Maria de Jesus (1914-1977) atualmente é reconhecida como uma grande escritora brasileira. Apesar das condições de vida e de ter de lutar diuturnamente para sobreviver e sustentar sozinha três filhos, conseguiu se expressar por meio da literatura e sair da favela, “quintal onde jogam os lixos”. Quarto de despejo – Diário de uma favelada, editado pela primeira vez em 1960, alçou-a ao lugar que ela tanto almejava. Entretanto não foi somente via literatura que sua capacidade artística se manifestou; por isso, neste minicurso pretendemos apresentar as composições musicais da artista, enfocando seu conteúdo para buscar entender: a) o que ela canta e b) em que medida suas letras dialogam com o restante de sua produção artístico-literária que não se resume ao Diário tão conhecido e reconhecido também fora do Brasil. Seu único disco reúne composições ainda pouco conhecidas, por isso a proposta deste minicurso é, a partir de um olhar feminista, antirracista e decolonial (GONZALEZ, 2020; COLLINS, 2019; VERGÈS, 2019), conhecer e entender o que Carolina escolhe representar em suas canções. Nosso objetivo é oportunizarmos uma troca de conhecimentos que possibilitem ampliar o olhar em direção a uma outra faceta desta artista tão importante para a história da arte negra em nosso país.

Palavras-chave: Crítica feminista, Feminismo Negro, Carolina Maria de Jesus, Quarto de despejo.

### Referências:

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, n. 1, ano 8, 2000, p. 229-236.
- COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia e LIMA, Márcia (Org.). Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty, Pode o Subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: Editora Ubu, 2020.